

Preparações do olhar: leituras sobre terras estrangeiras nos relatos de viagem de latino-americanos à Europa e aos Estados Unidos no século XIX¹

Graziela Mazzeo Madeira*

Resumo: Neste artigo apresenta-se a análise de apropriações específicas de leituras realizadas antes e durante os périplos dos viajantes latino-americanos com destino à Europa e aos Estados Unidos ao longo do século XIX. Dentre os diferentes materiais lidos e citados por estes autores em seus relatos destacam-se os guias de viagem, devido ao fato da maioria deles ter feito um amplo uso destas publicações, que serviam para preparar seus olhares no decorrer de suas andanças. Assim, objetiva-se compreender os diferentes usos dos guias empreendidos pelos viajantes. Considera-se que, ao fazerem uso desses materiais, os viajantes buscavam obter informações sobre os locais visitados; ao mesmo tempo, é possível afirmar que esse tipo de leitura não se restringia apenas a isso, pois a leitura é uma atividade dinâmica, em que o leitor é afetado pelas obras que lê e, simultaneamente, interage com ela, podendo negar ou assimilar o conteúdo veiculado. É nessa chave que analisamos as menções feitas aos guias de viagem no interior dos relatos de viagem de latino-americanos à Europa e aos Estados Unidos.

Palavras-Chave: América Latina; Viajantes; Relatos de viagem; Leitura; Guias de Viagem.

1O artigo se baseia em um trabalho de Iniciação Científica realizado com vínculo firmado no Departamento de História da Universidade de São Paulo, que contou com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e foi realizada entre fevereiro de 2016 a janeiro de 2017, sob orientação da Profa. Dra. Stella Maris Scatena Franco.

*Graduada em História pela Universidade de São Paulo. Contato: graziela.madeira@usp.br

Introdução

O presente artigo procura analisar relatos de viagem de latino-americanos que se dirigiram à Europa e aos Estados Unidos no século XIX e, mais particularmente, a recorrência do uso de um tipo específico de impresso pelos viajantes: os guias de viagem².

No interior dos relatos compulsados, podemos observar uma diversidade de usos e funções desses impressos. É possível vislumbrar ainda a circulação dos mesmos e o posicionamento distanciado em que o viajante se coloca perante o turista, apontado como o principal público alvo dos guias. Esta verificação resultou da análise de 14 autores, dentre eles duas mulheres (vide Anexo).

Os viajantes analisados pertenciam a uma alta camada social, sendo provenientes de diferentes países da América Latina (como Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba e México) e viajaram para diversos locais da Europa (por exemplo, Alemanha, Espanha, França, Grécia, Inglaterra e Itália), além dos Estados Unidos. Viajaram por diferentes motivos, tais como exílio, trabalho, aprimoramento de seus estudos ou simplesmente a disposição para vivenciar novas aventuras. É válido destacar também que os relatos analisados estão concentrados entre os anos de 1815 e 1897, como consta na listagem em anexo.

Este tipo de *corpus* documental é caracterizado por Mary Louise Pratt, em sua obra *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*, como propício a investigações que evidenciam a “própria compreensão de mundo” dos viajantes (PRATT, 1999, pp. 234). Stella Maris Scatena Franco, em seu artigo *Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental* destaca a diversificação temática em relação aos estudos dos relatos de viajantes. A pesquisadora também aponta apreciações sobre textos de viajantes latino-americanos e estadunidenses preocupados “(...) em repensar as relações entre ‘centro e periferia’, e rever a perspectiva dualista e dicotômica sobre a qual essa discussão se sustentou em seus primórdios.” (FRANCO, 2011, pp. 74). Esta relação é um dos aspectos fundamentais que

² Entende-se por guias de viagem, além dos próprios guias (oficiais), variados impressos como os catálogos, folhetos e atlas que os viajantes utilizavam para obter informações descritivas e auxiliá-los em sua orientação nas localidades visitadas.

Preparações do olhar: leituras sobre terras estrangeiras nos relatos de viagem de latino-americanos à Europa e aos Estados Unidos no século XIX

nortearam este estudo, o qual foi orientado principalmente a partir da concepção destas pesquisadoras.

A utilização de relatos produzidos ao longo deste extenso período justifica-se pela observação das mudanças e continuidades nas relações socioculturais, políticas e econômicas registradas pelos viajantes durante seus deslocamentos nas diversas conjunturas históricas entre o início e o fim do século XIX³. Um exemplo que podemos apontar como presente naquele período e que permanece ao longo do século XIX (chegando até os dias atuais), é a recorrente utilização de guias de viagem por viajantes, não importa de que região. Aqui nos deteremos especificamente sobre material produzido durante o século XIX.

1. Guias de viagem: leituras e usos feitos pelos viajantes

No século XIX já era bastante comum a um viajante lançar mão de um recurso como um guia de viagem, para que pudesse se orientar em seus périplos. A leitura de guias e folhetos é citada com certa frequência nas fontes analisadas; portanto, devido ao seu destaque e recorrência, pode-se dizer que este material tornou-se alvo de uma investigação mais pormenorizada.

A análise deste tema baseia-se nas referências que são feitas, no interior dos relatos de viagem, a impressos como guias e folhetos sobre os locais visitados. Dentre os investigados, principais viajantes que fizeram essas menções a esses materiais são: José Miguel Carrera (*Diario de viaje a Estados Unidos de América*); Francisco de Paula Santander (*Santander en Europa. Cartas de viaje, 1829-1832*); Gertrudis Gómez de Avellaneda (*Memorias inéditas de la Avellaneda. Epistolario a su prima Eloisa de Arteaga y Loinaz*); Florencio Varela (“Diario de viaje por Inglaterra y Francia (1843-1844)”); Domingo Faustino Sarmiento (“Viajes en Europa, Africa i

³ De acordo com René Rémond, que aborda a história política renovada, os estudos nessa linha podem privilegiar recortes mais amplos, inclusive para levar em consideração os aspectos simbólicos, que têm uma permanência no tempo. Sobre isso, ver: RÉMOND, 2003, pp. 16.

América, 1845-1847”); Nísia Floresta (*Itinerário de uma viagem à Alemanha*); Alberto Blest Gana (*De Nueva York al Niágara*) e Paul Groussac (*Del Plata al Niágara*).

Por meio destas referências evidenciou-se a leitura dos guias que os viajantes latino-americanos realizavam durante seus deslocamentos pelo continente europeu e pelos Estados Unidos. Esta leitura revelou ser de grande importância para os viajantes, pois preparava seus olhares através da descrição prévia dos locais e possibilitava maior independência, visto que por meio desses materiais os indivíduos podiam criar seus próprios roteiros de viagem.

Com o intuito de obter maiores informações sobre as origens dos guias de viagem, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, da qual foi constatada que seu desenvolvimento está estreitamente relacionado com a história do turismo, pois muitos estudiosos referem-se aos guias de viagem como “guias turísticos”, mesmo quando se voltam àqueles que foram produzidos anteriormente ao século XIX. Estas observações podem ser constatadas, por exemplo, em Marc Boyer (2003), Flávia Roberta Costa (2009) e Rudy Koshar (2002).

O mais antigo guia de viagem de que se tem notícia é o primeiro guia impresso utilizado no *Grand Tour*, elaborado para viajantes ingleses e escrito por Richard Lassels, sendo publicado em Paris (no ano de 1670), e intitulado *The Voyage of Italy, or A Complete journey through Italy* (BRINTRUP, 1993, pp. 58). O *Grand Tour* era a denominação dada a um tipo específico de viagem, que possuía duração aproximada de seis meses a dois anos, realizada pelos jovens ingleses pertencentes às altas camadas sociais, que buscavam expandir seus conhecimentos através de viagens pelos países europeus, principalmente Itália e França. Estes viajantes podiam ser acompanhados de seus preceptores.

A pesquisadora Valéria Salgueiro, em seu artigo “Grand Tour: uma combinação à história do viajar por prazer e por amor à cultura”, aponta que ocorreu uma ampliação de público que percorria o *Grand Tour*, no final do século XVIII (este século foi caracterizado como o período em que o *Grand Tour* atingiu seu auge). Esta mudança se deu em razão dos jovens ingleses de classe média urbana começarem a viajar por prazer, principalmente à Itália

Preparações do olhar: leituras sobre terras estrangeiras nos relatos de viagem de latino-americanos à Europa e aos Estados Unidos no século XIX

e à França. Salgueiro também declara que os primeiros guias impressos possuíam a forma de “(...) coleções de vistas de lugares, sem o formato dos guias atuais, bastante informativos e sistematizados em seções específicas para facilitar a consulta.” (SALGUEIRO, 2002, pp. 307). Isso pode ser exemplificado com o impresso intitulado *The Grand Tour*, cuja autoria pertence a Thomas Nugent, publicado em Londres (1749).

Existem outras coletâneas de guias de viagem que merecem destaque, como o *Handbook Murray* (publicado em 1836) e o *Guias Baedeker*, publicados em 1843. Estes passaram a ser alguns dos mais acessíveis e utilizados pelos viajantes, pois possuíam atualizações regulares e um formato que facilitava seu transporte (ou seja, formato de bolso), além da interação com os leitores, visto que o editor Karl Baedeker estimulava o envio de sugestões que poderiam ser incorporadas nas futuras edições (COSTA, 2009, pp. 27). Além disso, essas coletâneas de guias geravam uma padronização dos locais visitados através das recomendações apontadas em suas publicações.

Esses textos, que correspondem aos primeiros guias, não foram exatamente os citados pelos viajantes. Como demonstrado acima, as fontes indicam que no século XIX já havia uma grande diversidade de guias. Explorar o leque de possibilidades de usos desses impressos pelos viajantes e refletir como eles podem ser entendidos pela chave da história do livro e da leitura é um desafio.

Como bem lembra o historiador Roger Chartier, há uma relação mútua entre leitores e textos. Para ele, a obra adquire significado através de sua leitura, pois os leitores se inspiram nos autores que leem e, por sua vez, estes têm os leitores em suas expectativas quando da confecção de suas obras. Deste historiador abstrai-se ainda a noção relevante de que as diferenças nas formas de leitura são passíveis de ser capturadas analisando-se as identidades dos leitores e suas formas de ler (CHARTIER, 1994, pp. 08). Na mesma linha, destacam-se as importantes reflexões de Robert Darnton sobre a temática da história do livro e da leitura.

Segundo ele, a leitura altera-se no decorrer do tempo, sendo necessário, inclusive, considerar as condições sociocultural, econômica e política nas quais os autores, os leitores e as próprias obras encontravam-se inseridos (DARNTON, 1990, pp. 121).

1.1 Diversidade de impressos e funções dos guias de viagem

Por meio da leitura dos relatos de viagem – nossas fontes primordiais – vislumbra-se a diversidade de impressos e funções dos guias utilizados pelos viajantes latino-americanos durante suas andanças. Em certas oportunidades, os autores analisados usavam guias que podiam ser considerados mais tradicionais, isto é, livros publicados com o fim de informar sobre questões práticas a respeito dos lugares.

Toma-se o exemplo do viajante argentino Florencio Varela⁴, que publicou um relato intitulado “Diario de viaje por Inglaterra y Francia (1843-1844)”. Este texto retrata a viagem de Varela para a Europa como representante do governo de Montevideu para buscar apoio político e militar, britânico e francês para os liberais unitários nas disputas que ocorriam na região do Rio da Prata. Apesar de viajar com este propósito diplomático bem específico, Varela aproveitou a oportunidade da viagem à Europa para realizar um *tour* e conhecer diversos lugares que julgava interessantes para “enriquecer seu espírito”, isto é, para adquirir um repertório cultural mais amplo. Ao referir-se a sua viagem pela Inglaterra, o viajante mencionou que obtinha informações sobre o local que visitava através da descrição contida no “guía de Liverpool”, como observa-se no seguinte trecho:

He visitado, sin embargo, la Lonja o Bolsa, edificio hermoso y sumamente cómodo, (...) la sala de leer periódicos y demais noticias mercantiles, es hermosa y perfectamente provista de todo.

4 Florencio Varela nasceu em Buenos Aires, no ano de 1807. Formou-se na Faculdade Maior de Jurisprudência, em 1827. Devido a seu posicionamento político unitário e liberal, exilou-se no Uruguai, vindo a residir em Montevideu até a sua morte. Ao regressar de sua viagem, continuou a se posicionar contra os governos argentino de Juan Manuel de Rosas e uruguaio, chefiado pelos Blancos através do periódico *Comercio del Plata*, do qual era redator. Em 1848, faleceu vítima de um assassinato articulado por um inimigo político. Informações contidas no banco de dados *Viajantes latino-americanos pela Europa e Estados Unidos no século XIX. Dados biográficos, informações sobre viagens e relatos, bibliografia e imagens*, disponível no site: <<http://leha.fflch.usp.br/node/76>>. Acesso em: 10 de setembro de 2017.

Preparações do olhar: leituras sobre terras estrangeiras nos relatos de viagem de latino-americanos à Europa e aos Estados Unidos no século XIX

(...) Una descripción de él se halla en la guía de Liverpool (VARELA, 1974, p. 272).⁵

Várias informações sobre a cidade eram acessadas pelos viajantes por este tipo de guia, mas ele não era o único. Algumas vezes, os viajantes lançavam mão de outras modalidades de guias de viagem, como aconteceu com o próprio Varela, que mencionou um catálogo específico sobre as peças expostas no Museu Britânico, como pode ser verificado no fragmento a seguir:

Hoy he pasado algunas horas en el justamente celebrado *Museo Británico* (...) a la Gran Biblioteca – no tuve tempo ni aún de entrar, por lo que tengo que volver varias veces.

Como hay y tengo, un extenso catálogo de todo lo que el Museo contiene no me detengo en descripciones, que serían por otra parte, imposibles (*Ibidem*, p. 359)⁶.

Como se nota, trata-se de um material mais volátil do que o primeiro guia, certamente maior e mais amplo. Enquanto o primeiro aborda toda a cidade de Liverpool, o segundo é específico sobre um museu. Apesar de não ser um guia *avant la lettre*, cumpre as funções de um, na medida em que seleciona objetos, almeja direcionar olhares dos visitantes, enfim, ajuda a guiar os seus passos durante as visitas.

Além de serem usados para ajudarem os viajantes a se situar nas cidades e pontos de visita⁷, utilizações bem mais específicas também se delineavam, como notado no uso que

5 Outro exemplo de utilização de guias considerados mais tradicionais que se pode destacar é o uso do *Guide universelle de L'étranger dans Paris*, por este mesmo viajante.

6 Além deste catálogo, no segundo volume de sua obra, Varela mencionou outro exemplar – contido no interior de “La guía de Londres” – que apresentava a descrição das peças expostas na Galeria Nacional de Pinturas.

7 É válido destacar a interessante discussão sobre monumento e patrimônio histórico que a historiadora Françoise Choay desenvolveu em sua obra *A alegoria do patrimônio*. Segundo a autora, o conceito de patrimônio histórico foi cunhado tal como se entende hoje, na década de 1960. Este designa “(...) um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum (...)”. Já o conceito de monumento, começou a ser cunhado no século XIX, expressa “(...) tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer

foi feito de um tipo de guia utilizado pelo colombiano Francisco de Paula Santander.⁸ O político, que viajou entre 1829 e 1832, encontrava-se exilado e circulou por diversas localidades da Europa, como Alemanha, França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Áustria, Itália, Suíça, Escócia e Irlanda, seguindo depois para os Estados Unidos. Esta viagem é relatada em sua obra denominada *Santander en Europa. Cartas de viaje, 1829-1832*.

Este viajante, durante sua estadia no povoado de Soltau (localizado ao longo do percurso de Hamburgo a Paris), comentou que teve problemas de comunicação com o dono da casa onde estava hospedado, no momento de tomar seu desjejum. Para auxiliá-lo nesta questão cotidiana, Santander recorreu ao uso de um “manual” que continha diálogos escritos na língua local. O autor identificou este material como “manual do viajante”, como demonstra o seguinte trecho: “(...) nos desayunamos con té, leche y pan; para pedir esto fue preciso ocurrir al manual del viajero y mostrarle al dueño de la casa la parte escrita en alemán en los diálogos.” (SANTANDER, 1989-1990, p. 61). Pelo descrito, é possível perceber que se trata de uma publicação que traz frases prontas no idioma do local visitado e na língua materna do viajante. Muito mais do que orientação no espaço, este material ajudava nas questões prosaicas do dia-a-dia, mas que não eram menos importantes para aqueles que estavam em condição de viagem.

que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos (...). A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória.” (CHOAY, 2006, respectivamente p.11 e p. 18). Ademais, Choay menciona que na Europa o monumento era comumente associado ao urbano. Entretanto, observa-se que um dos locais de visitação mais evocado pelos viajantes foram as Cataratas do Niágara, ou seja, um “monumento natural”. Por isso, levando em consideração essa discussão, prefere-se utilizar a expressão “pontos de visitação” a “monumentos”.

⁸ Santander nasceu na Villa del Rosario de Cúcutua (Colômbia), no ano de 1792. Participou ativamente das movimentações políticas e militares que ocasionaram o surgimento da República da Colômbia, em 1819. Neste mesmo ano, Santander foi eleito vice-presidente desta, cargo que executa por oito anos até seu desligamento devido ao estremecimento de sua relação com o presidente Simón Bolívar. No ano de 1829, Santander foi exilado devido à suspeita de conspirar contra Bolívar. Após regressar de sua viagem, o mesmo foi eleito Presidente Interino pelo Congresso de Nova Granada e no ano seguinte elegeu-se presidente constitucional, cargo em que permaneceu até 1837. Em 1840, na cidade de Bogotá, faleceu devido a uma infecção hepática. Estas informações estão contidas no banco de dados *Viajantes latino-americanos pela Europa e Estados Unidos no século XIX. Dados biográficos, informações sobre viagens e relatos, bibliografia e imagens*, disponível no site: <<http://leha.fflch.usp.br/node/70>>. Acesso em: 15 de setembro de 2017.

Preparações do olhar: leituras sobre terras estrangeiras nos relatos de viagem de latino-americanos à Europa e aos Estados Unidos no século XIX

É interessante notar a menção a outro tipo de material, buscado pelos viajantes consultados: os Atlas. Não são propriamente guias, mas cumprem a função de orientação espacial. Santander mencionou que se tornou assinante do *Atlas general de Europa*, usando-o para se orientar espacialmente, mas também para elevar seu *status* social, pois por meio dele poderia aprofundar seus conhecimentos sobre a história da região visitada. Além do que, comentava que era uma obra adquirida por pessoas ilustres, como destacado no seguinte trecho:

Vino también un caballero a proponerme me suscribiese al *Atlas general de Europa* y lo hice por decencia, en vista de que no sólo es una obra útil, sino que el catálogo de los suscriptores comprende los soberanos y las personas más distinguidos de la Europa (*Ibidem*, p. 37).

Pode-se salientar ainda outro viajante latino-americano que adquiriu o mesmo tipo de material. Trata-se de José Miguel Carrera,⁹ que entre 1815 e 1816 viajou aos Estados Unidos com o objetivo de angariar apoio para a causa emancipadora chilena. Esta viagem foi retratada pelo autor em um diário, que veio a ser publicado postumamente sob o título *Diario de viaje a Estados Unidos de América*. Em suas páginas, Carrera mencionou que utilizou uma obra histórico-geográfica, como demonstrado na seguinte citação: “Lunes 5. Compré una obra histórico-geográfica de los Estados Unidos, dos tomos en pasta, con cartas topográficas, en 5 pesos y un manual de la población en 2 1/2 pesos.” (CARRERA, 1996, p. 42). Lamentavelmente, o autor não dá maiores detalhes sobre a obra, como título, autor ou edição, mas percebe-se que a mesma foi usada com fins semelhantes aos de Santander: para adquirir maiores conhecimentos sobre o país que estava visitando.

9 José Miguel Carrera nasceu na cidade de Santiago, no ano de 1785. Pertenceu a uma família de alta posição social, ocupou cargos militares e tornou-se uma figura de destaque no processo de Independência do Chile. Entretanto, devido a sua atuação política, em 1821 foi condenado à morte por fuzilamento em Mendoza. . Informações contidas no banco de dados *Viajantes latino-americanos pela Europa e Estados Unidos no século XIX. Dados biográficos, informações sobre viagens e relatos, bibliografia e imagens*, disponível no site : <<http://leha.fflch.usp.br/node/69>>. Acesso em: 14 de setembro de 2017.

Um uso inusitado de um guia se apresenta em um dos relatos. Trata-se da sua utilização como disfarce para facilitar a entrada de livros considerados proibidos. Esta situação foi explicitada no relato de viagem escrito por Domingo Faustino Sarmiento¹⁰, onde narrou seu plano para passar pela polícia veneziana, do qual participaram seus dois companheiros de viagem, como demonstrado pelo seguinte parágrafo:

Tuvimos con Emilio i Champgobert una sesion secreta. Cada uno tenia su pecado i su cabeza de proceso. Por lo pronto dispusimos arrojar los libros a las lagunas; pero el miedo nos inspiró i los libros fueron salvados. En Italia el viajero lleva siempre el guia en las manos. Tomando cada uno de nosotros debajo del brazo un volúmen de los prohibidos, nos presentamos impávidamente en el resguardo para el registro de los equipajes; andábamos los tres juntos, listos para pasarnos de uno a otro el libro; i gracias a este ardid, Gioberti, Lamartine, Michelet i Luis Blanc hicieron su entrada triunfal en Venecia (SARMIENTO, 1996, p. 265).

Como é possível perceber, Sarmiento buscava entrar na Itália com livros franceses, considerados subversivos. Com medo de ser parado na alfândega, mascarou-os como se fossem guias de viagem, já que na Itália, segundo o viajante, “todos andam com um guia”. Percebe-se, por meio desta citação, que tanto os guias eram livros bastante triviais na Europa ocidental já na primeira metade do século XIX, e atrelados ao turismo, como era um tipo de impresso considerado desprovido de conteúdo político.

Para encerrar o leque de tipos e formas de uso destes impressos que estamos denominando genericamente de guias, mas que, como se pretende mostrar, ganham contornos e funções específicos, aponta-se um último caso. Sarmiento, ao conhecer Roma, citou em seu célebre relato de viagem do qual se lembrava de memória e que informa ter lido

10 Domingo Faustino Sarmiento nasceu em San Juan, Argentina, no ano de 1811. Durante a década de 1840, devido a seu posicionamento político, foi forçado a exilar-se no Chile. Neste, assumiu o cargo de diretor da *Escuela Normal*. No período de 1845 a 1847, viajou à Europa e aos Estados Unidos, financiado pelo governo chileno, com o intuito de estudar seus respectivos sistemas educacionais. Sendo este o tema do primeiro relato analisado. O segundo retrata sua vinda dos Estados Unidos para a Argentina, sendo esta viagem realizada em 1868 e, ao regressar, é eleito Presidente da República argentina (1868-1874). Faleceu em Assunção, no ano de 1888. Informações contidas no banco de dados *Viajantes latino-americanos pela Europa e Estados Unidos no século XIX. Dados biográficos, informações sobre viagens e relatos, bibliografia e imagens*, disponível no site : <<http://leha.fflch.usp.br/node/81>>. Acesso em: 19 de setembro de 2017.

Preparações do olhar: leituras sobre terras estrangeiras nos relatos de viagem de latino-americanos à Europa e aos Estados Unidos no século XIX

em sua infância. Segundo o autor, esta fora a sua primeira aquisição em livro e, por meio dele, teria nutrido, desde tenra idade, expectativas de conhecer a cidade. Diz o autor, a respeito deste livro:

Así adquiriré muchas nociones históricas en la edad, en que el comun de los niños solo piensa en sus pasatiempos, i ahora que he visitado a Roma, he podido reconocer a primera vista los monumentos por la imájen que de ellos conservaba grabada en la memoria desde la primera infancia en que pasaba horas enteras, recorriendo una *Guia romana* impresa dos siglos há, i que fué mi primera adquisicion en libros (*Ibidem*, p. 241).

Este caso demonstra claramente que os guias foram um tipo de publicação com intuito de orientar o olhar do viajante, inspirando-o a conhecer a realidade visitada e a relatar o que vira com os próprios olhos. Embora Sarmiento tenha descrito os guias na passagem anterior como um objeto tão inócuo do ponto de vista político, nesta última citação nota-se que eles contribuíram para a conformação de um imaginário idealizado em relação à Europa. A Itália, como mencionado anteriormente, era um lugar tradicional de visitação dos europeus desde o *Grand Tour*. Essas notícias corriam pela América do Sul por meio de guias como os mencionados por Sarmiento e contribuía para disseminar ideias a respeito do almejado e sonhado “mundo civilizado”. O guia, neste caso, pode não ter sido confeccionado com um fim deliberadamente político, mas é inegável que a sua apropriação, neste caso, está permeada por uma leitura atravessada por um caráter político.

1.2 Circulação e modos de aquisição dos guias de viagem

A leitura dos relatos de viagem permite visualizar como se dava a circulação dos guias de viagem. Estes podiam ser comprados no próprio local da viagem, como ocorreu, por exemplo, com Santander, que mencionou ter adquirido de um comerciante local, sediado em Bremen (Alemanha), uma “nota” que lhe serviria como guia, pois continha as “(...) posadas principales de aquí a Paris y de las curiosidades que hay que ver en Hannover, Gottinga, Cassel, Francfort, Bruselas, etc.” (SANTANDER, 1989-1990, p. 54).

Outro exemplo que podemos salientar é a aquisição local de um “mapa” pela viajante Nísia Floresta¹¹, que utilizou este impresso com o intuito de auxiliar seu deslocamento, ou seja, este mapa serve como um guia durante sua viagem pela localidade alemã. Isto é evidenciado no trecho:

A vila de Rotschild, a mais elegante de suas residências em Frankfurt, ofereceu-nos novo quadro de encantos naturais e artísticos. Para visitá-la é necessário munir-se de um mapa que se obtém na cidade, na casa do proprietário (FLORESTA, 1998, p. 125).

Já o viajante Alberto Blest Gana¹², ao chegar no cais da cidade de Albany (localizada em New York - Estados Unidos), informou que garotos locais ofereciam guias e periódicos aos visitantes:

(...) ofreciéndole los diarios de la mañana, el guia del viajero por el Hudson, la Gaceta de la Policía, i mil otras publicaciones (...) como:

El Herald: noticias de todo el mundo.

La Tribuna: relacion de las cuatro catástrofes de ayer em los ferrocarriles.

La Gaceta de la Policía: relacion de tres asesinatos, dos suicidios i alguns infanticidios.

11 Dionísia Gonçalves Pinto, conhecida como Nísia Floresta, nasceu no Rio Grande do Norte, em 1810. Tornou-se escritora de obras que destacavam a importância da educação feminina, como averiguado no interior dos relatos analisados: *Itinerário de uma viagem à Alemanha* (1856) e *Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia* (1858-1861). Nestas viagens foi acompanhada de sua filha Lívia, que mudou-se junto com sua mãe para Paris, no mesmo ano que empreenderam a curta viagem à Alemanha. Em 1872, retornou ao Brasil (desacompanhada de sua filha que permaneceu no continente europeu) e após três anos regressou definitivamente para a França, local em que faleceu (1885) devido às complicações de uma pneumonia. Informações contidas no banco de dados *Viajantes latino-americanos pela Europa e Estados Unidos no século XIX. Dados biográficos, informações sobre viagens e relatos, bibliografia e imagens*, disponível no site : <<http://leha.fflch.usp.br/node/103>>. Acesso em: 19 de setembro de 2017.

12 Alberto Blest Gana nasceu em Santiago, no dia 4 de maio de 1830. Estudou na *Escuela Militar*, formando-se como subtenente em 1847. Alberto Blest Gana tornou-se embaixador chileno, em 1866, e realizou viagens para a França, Inglaterra e os Estados Unidos. Neste local, o autor escreveu o relato analisado intitulado *De Nueva York al Niágara* (1867). Alberto Blest Gana, no ano de 1887, deixou a carreira diplomática e dedicou-se mais a sua produção literária. O autor faleceu em Paris, no dia 9 de novembro de 1920. Informações obtidas no banco de dados *Viajantes latino-americanos pela Europa e Estados Unidos no século XIX. Dados biográficos, informações sobre viagens e relatos, bibliografia e imagens*, disponível no site : <<http://leha.fflch.usp.br/node/90>>. Acesso em: 02 de agosto de 2017.

Preparações do olhar: leituras sobre terras estrangeiras nos relatos de viagem de latino-americanos à Europa e aos Estados Unidos no século XIX

El World: opinion del general tal o del senador cual sobre la política del congreso (BLEST GANA, 1867, p. 06).

Estes espaços de embarque e desembarque dos viajantes, especialmente a partir do final do século XVIII e como explicitado previamente, os cais e também as estações ferroviárias (principalmente, da Inglaterra e da França), foram apontadas por José Newton Coelho Meneses, no artigo “A patrimonialização da vida: vivências, memória social e interpretação do patrimônio cultural”, como locais privilegiados de venda dos impressos de guias (MENESES, 2012, p. 34). Assim, podemos inferir que esses materiais, tantos os guias de viagem como os folhetos, mapa, atlas e catálogos podiam ser obtidos com fácil disponibilidade por todos aqueles que necessitavam de informações sobre os locais visitados, ou seja, tanto os turistas quanto os viajantes.

Destaca-se ainda outro exemplo de circulação dos impressos de guias, mencionado por Paul Groussac¹³, em seu relato *Del Plata al Niágara*, durante sua permanência no trem que fazia a ligação entre o México e os Estados Unidos. Ele não comprou, mas ganhou o seu guia. Este autor declarou que recebeu o impresso (não identificado pelo mesmo) da própria administração ferroviária e lia-o para distração durante a viagem, outra função pontual delegada aos guias pelos viajantes, como exposto no trecho: “Para distraerme, tengo una *Guía*, regalo de la obsequiosa administración, confeccionada toda entera por un conocido literato (...)” (GROUSSAC, 1980, p. 223).

13 Paul Groussac nasceu na França em 1848. Mudou-se permanentemente para a Argentina, no ano de 1866. Groussac tornou-se diretor da Escola Normal de Tucumán e foi nomeado como diretor de ensino na cidade. Em 1874 conseguiu o cargo de Inspetor Nacional de Educação. No ano de 1893, foi enviado aos Estados Unidos como um dos representantes do pavilhão argentino na Exposição Universal, sediada em Chicago. Este foi o motivo da viagem retratada em sua obra *Del Plata al Niágara*. Após seu regresso, assumiu o cargo de diretor da Biblioteca Nacional Argentina, no qual permaneceu até a sua morte, em 1929. Informações extraídas no banco de dados *Viajantes latino-americanos pela Europa e Estados Unidos no século XIX. Dados biográficos, informações sobre viagens e relatos, bibliografia e imagens*, disponível no site : <<http://leha.fflch.usp.br/node/101>>. Acesso em: 01 de setembro de 2017.

Além disso, na citação acima, Groussac afirmou que o guia referido foi confeccionado por um importante autor, “un conocido literato”, que tentou obter maior reconhecimento perante o público e maior ganho financeiro através da comercialização de sua obra. Entretanto, essa publicação foi considerada pelo viajante como uma leitura menos expressiva de sua produção, visto que a utilizou como mera distração.

1.2 O guia como substituto da viagem

Nos relatos analisados, os guias de viagem foram utilizados por vários viajantes, por exemplo, Gertrudis Gómez de Avellaneda¹⁴, Paul Groussac, Francisco de Paula Santander, Domingo Faustino Sarmiento e Florencio Varela, como substituto da descrição dos pormenores vislumbrados em uma determinada localidade visitada, caracterizando, assim, sua função mais recorrente. Pode-se exemplificar, na citação abaixo, este uso através da fala de Gómez de Avellaneda, que se dirige a sua prima Eloisa (para quem dedicou o relato analisado) para lhe avisar que não faria uma descrição detalhada da Catedral de Sevilha, indicando para isto a leitura da obra *Descripcion artística de la Catedral de Sevil1a*, publicada em 1804, escrita por Juan Agustín Ceán Bermúdez (1749-1829):

Si quieres una descripcion mas detallada y completa, Heloysa mia, proporcionate la de Cean Bermudez (1), q^e es la q^e me ha servido de guia (como ya te he repetido) al trazar este bosquejo. Es tanto lo q^e puede decirse, y tanto lo q^e se ha dicho de esta grande obra, q^e yo, pobre de mi, sin genio ni conocimientos de artista, nada me atrevo á añadir! (GÓMEZ DE AVELLANEDA, 1914, p. 33-34).

Outro caso análogo que pode ser destacado ocorre quando Paul Groussac visitou diversas localidades de São Francisco, Estados Unidos. Percebe-se que ele não realizou uma

14 Gertrudis Gómez de Avellaneda nasceu em Cuba, no ano de 1814. Mudou-se para a Espanha, com a família, em 1836. O primeiro relato analisado trata das impressões da autora durante esta viagem e sua posterior vivência na Europa - França, Espanha e Portugal. Retornou a Cuba em 1859, entretanto, antes realizou uma viagem aos Pirineus que é tema da segunda obra analisada. Contudo, após cinco anos, regressou à Espanha. Em 1873, faleceu nesta localidade. Informações contidas no *site*: <<https://www.escritores.org/biografias/366-gertrudis-gomez-de-avellaneda>>. Acesso em: 15 de agosto de 2017.

Preparações do olhar: leituras sobre terras estrangeiras nos relatos de viagem de latino-americanos à Europa e aos Estados Unidos no século XIX

explicação detalhada destes lugares devido ao fato de que a apreciação já encontrava-se contida nos guias de viagem da cidade, como demonstrado na citação:

(...) he examinado con la debida prolijidad el enorme e inacabado City Hall, menos notable por su arquitectura achaparrada que por los manejos administrativos que han presidido a su edificación poco edificante... De todo eso y lo demás pensaba daros informe circunstanciado, pero a médio borrajear he descubierto que es materia ya descrita y que corre impresa en las guías de viajeros (GROUSSAC, 1980, p. 269).

Semelhante exemplo que merece ser destacado é a utilização do termo “etc.” pelos viajantes, usado para enfatizar e ressaltar os detalhes contidos nos impressos de guias de viagem, como apontado no seguinte trecho escrito por Varela: “Completa descripción del Palacio, Castillo, Parque, etc. etc. con todo los objetos que contienen está publicada en la *Royal Windsor Guide*.” (VARELA, 1974, p. 340).

Percebemos que Florencio Varela também utilizou este mesmo termo ao comentar sobre o folheto *On the Construction of Wooden Railways*. Destacamos que o folheto é outro formato de impresso usado pelos viajantes latino-americanos como guia de viagem. No impresso mencionado acima, havia uma explicação técnica sobre o uso do ferro nas estradas ferroviárias e da construção dos carros do trem, como evidenciado no seguinte parágrafo:

El sistema de substituir la madera al fierro, sus fundamentos y ventajas, como también la explicación de la construcción propuesta para los carros, están desenvueltos en un folleto titulado *On the Construction of Wooden Railways*, etc. etc., que agrega a estos apuntes (VARELA, 1974, p. 308).

O mesmo foi observado no relato de viagem escrito por Alberto Blest Gana, quando este utilizou o guia de viagem como fonte para indicação de informações técnicas, no caso, sobre aspectos espaciais e geológicos da formação natural “Cueva de los vientos”, localizada nas Cataratas do Niágara:

La Cueva há sido formada, segun la tradicion que apunta el - Guia -, por la accion de las aguas sobre la blanda roca del precipicio, de modo que le trecho de la Cueva se avanza como 30 piés sobre el plano horizontal del fondo i forma una bóveda circular (BLEST GANA, 1867, p. 52).

Assim, observa-se, durante a leitura das fontes analisadas, que por meio desta descrição apresentada nos guias de viagem havia uma padronização dos locais visitados. Contudo, percebemos que eles não conseguiam deixar de citar os guias, que serviam como base de informações para os futuros viajantes.

1.2 Posicionamento: viajante *versus* turista

Outra problemática constatada durante a leitura dos relatos foi o posicionamento distanciado entre os viajantes e o “turista”, caracterizado pelos primeiros como o principal público-alvo dos guias de viagem, pois sempre eram vistos andando pelas ruas da localidade visitada portando-os em mãos. Retomamos a frase de Sarmiento, apresentada anteriormente: “En Italia el viajero lleva siempre el guia en las manos.” (SARMIENTO, 1996, p. 265).

Ycarim Melgaço Barbosa, na obra *História das viagens e do turismo*, define o viajante como aquele que realiza seu próprio itinerário e interage com a cultura local, ao que o turista é caracterizado como o indivíduo que, durante a viagem, busca “sempre o conforto” (BARBOSA, 2002, pp. 74). Outra característica apontada por Tzvetán Todorov, no livro *Nosotros y los otros. Reflexión sobre la diversidad humana*, é a observação da pressa, pois o turista “anda apresurado” (TODOROV, 1991, p. 388)¹⁵ e preferia vislumbrar a natureza a manter maior contato com a população do local visitado.

Já o pesquisador Cristóbal Pera aponta em sua análise intitulada “De viajeros y turistas: reflexiones sobre el turismo en la literatura hispanoamericana”, que esse afastamento é extremado, pois os viajantes (principalmente, no final do século XIX) denominados por este

15 É válido ressaltar que o termo em destaque encontra-se em seu idioma de origem, ou seja, o espanhol.

Preparações do olhar: leituras sobre terras estrangeiras nos relatos de viagem de latino-americanos à Europa e aos Estados Unidos no século XIX

autor como “viajeros tardíos” possuíam *status* privilegiado “(...) redefinido en oposición a estas instituciones dedicadas al turismo.” (PERA, 1998, p. 509).

Entretanto, esse distanciamento é evidenciado nos relatos analisados pois os viajantes intencionavam e nutriam expectativas de superar os guias através da escrita de novas informações sobre a mesma localidade. Isto é observado durante a leitura da obra de Paul Groussac, na qual afirma: “(...) espero que mi *vista* del Niágara congelado no se parecerá del todo a un extracto de la guía oficial.” (GROUSSAC, 1980, p. 441). Com isso, observamos que o viajante considera o guia de viagem como um objeto de menor importância em comparação com sua produção, isto é, o relato de viagem.

Considerações Finais

A partir das análises empreendidas, conclui-se que a abordagem deste tema é pertinente para a melhor compreensão das apropriações das leituras realizadas pelos viajantes latino-americanos em suas viagens para a Europa e Estados Unidos ao longo do século XIX.

Nota-se que os indivíduos utilizavam os guias de viagem de maneiras distintas, sendo a principal finalidade a preparação do olhar do viajante, que despreendido da responsabilidade de descrever o local visitado podia atentar a outros detalhes do percurso não descritos pelos guias. Os viajantes atribuíam às próprias obras um valor superior ao destes impressos, apesar de não deixarem de citá-los ao longo de sua produção, com a finalidade de que outros possíveis viajantes consultassem seu relato também como fontes de informações.

Outro aspecto que distingue os relatos dos guias relaciona-se ao seu conteúdo, pois eram vistos pelos viajantes apenas como um material para consulta, seja para obter informações sobre o local visitado ou para disfarçar a leitura de obras portadoras de conteúdo político, proibidas em determinadas localidades, como em Veneza, no caso citado por Sarmiento. Assim, os guias eram concebidos apenas como suporte de dados, não lhes

sendo atribuído valor literário, como, em geral, almejavam os autores de relatos. Não se pode dizer, contudo, que os guias tenham sido totalmente inócuos no sentido político, tanto que cumpriram papel importante de inspirar autores a visitarem a “civilizada” Europa, com vistas à superação da “atrasada” América, tal como ocorreu com Domingo F. Sarmiento.

Tal característica está de acordo com o modo como a fonte trabalhada foi compreendida, ou seja, enquanto testemunho de uma experiência vivenciada e que ao ser relatada possuía seu próprio estilo de discurso e expressão textual. Em seu conjunto o relato de viagem é um mosaico (JUNQUEIRA, 2011, p. 60), pois este gênero abarca diferentes *corpus* textuais, por exemplo, cartas, diários e memórias. Ao mesmo tempo, as condições de publicações são variadas.

Diversas vezes estes escritos foram destinados para publicação pelos próprios autores ou essas publicações foram realizadas posteriormente, por outras pessoas, que não necessariamente levaram em conta a opinião do viajante quanto ao destino dado a sua obra. Neste último caso, costuma-se ter uma nota explicativa sobre os motivos que levaram à publicação tardia de determinado relato.

Portanto, compreende-se que os diferentes usos dos guias de viagem se dão a partir de concordância ou discordância da obra lida em um momento anterior ou no decorrer da viagem, daí dependendo-se que a leitura era realizada pelos viajantes como uma atividade dinâmica, sendo eles considerados “observadores móveis” (BRINTRUP, 1993, pp. 61), que interagem a partir de sua própria vivência com a obra lida.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Ycarim Melgaço. *História das viagens e do turismo*. São Paulo: Aleph, 2002.
- BOYER, Marc. *História do turismo de massa*. Trad.: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC; Salvador: EDUFBA, 2003.

Preparações do olhar: leituras sobre terras estrangeiras nos relatos de viagem de latino-americanos à Europa e aos Estados Unidos no século XIX

BRINTRUP, Lilianet. "El libro móvil: viaje y escritura en algunos viajeros chilenos del siglo XIX.". In: *Revista Chilena de Literatura*. nº 42, agosto de 1993.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Trad.: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP, 2006.

COSTA, Flávia Roberta. *Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, Edições SESC SP, 2009.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul, Edunisc: 2008.

FRANCO, Stella Maris Scatena. "Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental". In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M. Scatena. (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Volume II. São Paulo: Editora Humanitas, 2011.

JUNQUEIRA, Mary Anne. "Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador". In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M. Scatena. (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Volume II. São Paulo: Editora Humanitas, 2011.

KOSHAR, Rudy (ed.). *Histories of Leisure*. Oxford, New York: Berg, 2002.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MENESES, José Newton Coelho. "A patrimonialização da vida: vivências, memória social e interpretação do patrimônio cultural". In: COSTA, Everaldo Batista da; BRUSADIN, Leandro Benedini e PIRES, Maria do Carmo (orgs.). [*Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder*](#). São Paulo: Outras expressões, 2012.

PERA, Cristóbal. "De viajeros y turistas: reflexiones sobre el turismo en la literatura hispanoamericana". In: *Revista Iberoamericana*. Universidade de Pittsburgh, Vol. LXIV, nºs 184-185, jul.-dez. 1998.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Tradução: Dora Rocha. 2ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SALGUEIRO, Valéria. "Grand Tour: uma combinação à história do viajar por prazer e por amor à cultura.". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Vol. 22, nº 44, 2002.

TODOROV. Tzvetán. *Nosotros y los otros. Reflexión sobre la diversidad humana*. México: Siglo XXI, 1991.

Sites consultados

<<http://leha.fflch.usp.br/node/113>>. Acesso em: 01 de setembro de 2017.

<<https://www.escriitores.org/biografias/366-gertrudis-gomez-de-avellaneda>>.

Acesso em: 15 de agosto de 2017.

Anexo

A seguir, apresenta-se a relação das fontes organizadas cronologicamente por data das viagens.

Relatos	Data da viagem	País de origem
CARRERA, José Miguel. <i>Diario de viaje a Estados Unidos de América</i> . Santiago, Editorial Universitária, 1996.	1815-16	Chile
HEREDIA, José María. "Carta del Niágara" (1824) e "Carta sobre los Estados Unidos" (1826). In: <i>Niagara y otros textos (poesía y prosa selectas)</i> . v. 147, Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1990.	1824; 1826	Cuba
SANTANDER, Francisco de Paula. <i>Santander en Europa. Cartas de viaje, 1829-1832</i> . Bogotá, Fundación para la Conmemoración del Bicentenario del Natalicio y el Sesquicentenario de la Muerte del General Francisco de Paula Santander, 1989-1990.	1829-32	Colômbia
ZAVALA, Lorenzo de. <i>Viaje a los Estados Unidos del Norte de América</i> . Paris, Impr. de Decourchant, 1834.	1830	México
PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo.	Décadas	Brasil

Preparações do olhar: leituras sobre terras estrangeiras nos relatos de viagem de latino-americanos à Europa e aos Estados Unidos no século XIX

<p>- "Carta de um joven brasileiro sobre a cidade de Roma". In: <i>Aurora Fluminense</i>. Rio de Janeiro, 13 de julho de 1835.</p> <p>- "Os contornos de Nápoles". In: <i>Niteroi: Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes</i>. Paris, 1836. (pp. 161-89)</p> <p>- "A semana santa em Roma". In: <i>Aurora Fluminense</i>. Nº. 125, Rio de Janeiro, 26 de março de 1839.</p> <p>- "Fragmentos de notas de viagem: arquitetura". Nº. 3, Vol. 1, 1º de dezembro de 1843. (pp. 71-76)</p> <p>- "Diário de viagem". Manuscrito. (data inicial, 1859). 100pp numeradas. (Na Academia Brasileira de Letras, no Centro de Memória).</p>	de 1830, 40 e 50	
<p>GÓMEZ DE AVELLANEDA, Gertrudis.</p> <p>-<i>Memorias inéditas de la Avellaneda. Epistolario a su prima Eloisa de Arteaga y Loinaz</i>. La Habana, Imprenta de la Biblioteca Nacional, 1914.</p> <p>-"Mi última excursión por los Pirineos." In: <i>Obras</i>. Tomo VI (Miscelánea). La Habana, Imprenta de Aurelio Miranda, 1914.</p>	1836-38; 1859	Cuba
<p>SILVA, João Manuel Pereira da. "Viagem pela Alemanha em 1837". In: <i>Variiedades literárias. Obras literárias e políticas de J. M. Pereira da Silva</i>. Rio de Janeiro, B. L. Garnier; Paris, Garnier Irmãos, 1862, T. I</p>	1837	Brasil
<p>OCAMPO, Melchor. "Viaje de un mexicano a Europa". In: <i>Obras completas de Melchor Ocampo: Letras y Ciencias</i>. Tomo III. México, Universidad Autónoma de Nuevo León, 1901. Editor: Angel Pola. p. 03 – 88.</p>	1840	México
<p>VARELA, Florencio. "Diario de viajes". In: <i>Revista Histórica</i>, Montevideo, 1975, T. XLV e T. XLVI.</p>	1843-44	Argentina
<p>SARMIENTO, Domingo F.</p> <p>- <i>Viajes en Europa, Africa i América, 1845-1847</i>. Madrid, ALCA XX, 1996.</p> <p>- <i>Un viaje de Nueva York a Buenos Aires: del 23 de julio al 29 de agosto de 1868</i>. S.L. Belin Sarmiento, 1900.</p>	1845-47; 1868	Argentina

DE LA ROSA, Luis. <i>Impresiones de un viaje de México a Washington en octubre y noviembre de 1848</i> . Toluca, Instituto Mexiquense de Cultura, 2002. (1ª ed.: 1850)	1848	México
FLORESTA, Nísia. - <i>Itinerário de uma viagem à Alemanha</i> . (trad. Francisco das Chagas Pereira) Santa Cruz do Sul, Edunisc; Florianópolis, Ed. Mulheres, 1998. - <i>Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia</i> . Vol. 1 (trad. Francisco das Chagas Pereira). Natal, Editora da UFRN, 1998. - <i>Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce</i> . Vol. 2. Paris, E. Dentu: s/d.	1856; 1858- 1861	Brasil
BLEST GANA, Alberto. <i>De Nueva York al Niágara</i> . Santiago de Chile, Imp. Nacional, 1868.	1866-68	Argentina
GROUSSAC, Paul. <i>Del Plata al Niágara</i> . Buenos Aires, Ediciones Dicto, 1980.	1897	Franco-Argentino